

**UNIVERSIDADE TÉCNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – CAMPUS CURITIBA
VII CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA
NACIONAL**

XÊNIA KAROLINE MELLO

**O PROTAGONISMO DA MULHER E A COMUNIDADE ANARQUISTA NA
OBRA “UM AMOR ANARQUISTA: Uma Mulher para três homens. Uma
terra para todos. Um amor para sempre” DE MIGUEL SANCHES NETO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2012

XÊNIA KAROLINE MELLO

**O PROTAGONISMO DA MULHER E A COMUNIDADE ANARQUISTA
NA OBRA “UM AMOR ANARQUISTA: Uma Mulher para três homens.
Uma terra para todos. Um amor para sempre” DE MIGUEL
SANCHES NETO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Burmester.

CURITIBA

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Ana Maria Burmester, e a felicidade de ter sido sua aluna. É uma alegria, eis que também professora de muitos professores que tive no Direito, e seu conhecimento e postura influenciam inúmeros alunos.

Agradeço a todos os trabalhadores da UTFPR e a oportunidade de cursar essa pós-graduação de forma gratuita como incentivo à qualificação dos servidores. Assim como eu, pudemos ter a perspectiva de aumentar nossos saberes.

Aos amigos bípedes e quadrúpedes.

À vida, simplesmente, com muita saúde.

À todas as pessoas companheiras de militância feminista que acreditam e atuam por um mundo sem violência e com igualdade para as mulheres.

À minha família, com amor.

Ao Rafael, por existir.

À todas as pessoas queridas, meu agradecimento por compartilharmos a vida, tenham todo meu carinho.

“[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar a sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.” (BENJAMIN, 1994, p.221)

RESUMO

MELLO, Xênia Karoline. O PROTAGONISMO DA MULHER E A COMUNIDADE ANARQUISTA NA OBRA “UM AMOR ANARQUISTA: Uma Mulher para três homens. Uma terra para todos. Um amor para sempre” DE MIGUEL SANCHES NETO. XXX fls. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação – Câmpus Curitiba – VII Curso de Especialização em Litertura Brasileira e História Nacional. Curitiba, 2012.

O presente estudo analisa o protagonismo da mulher na formação da sociedade anarquista na perspectiva do romance histórico: Um amor anarquista: Uma mulher para três homens. Uma terra para todos. Um amor para sempre, do autor brasileiro contemporâneo paranaense Miguel Sanches Neto. Análise desse protagonismo baseia-se nas teorias feministas, ainda na necessidade de um comportamento autônomo da mulher para formação da comunidade anarquista denominada Colônia Cecília na região onde se encontra hoje a cidade de Palmeira – PR, local eleito pelo autor para a sua narrativa. É dedicado atenção especial ao exame da personagem histórica principal Adele e seus relacionamentos com os outros participantes da comunidade anarquista.

Palavras-chave: Anarquismo; Protagonismo; Feminismo; Mulher; Romance Histórico.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 A EXPERIÊNCIA DA COLÔNIA CECÍLIA NO ROMANCE UM AMOR ANARQUISTA | 10 |
| 3 O ANARQUISMO NO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MIGUEL SANCHES NETO | 13 |
| 4 UMA LEITURA FEMINISTA | 16 |
| 4.1 A ADELE | 18 |
| 5 O PROTAGONISMO DA MULHER PARA A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE ANARQUISTA | 22 |
| 6 CONCLUSÕES FINAIS | 24 |
| 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 27 |

1 INTRODUÇÃO

O papel desempenhado pela mulher diferencia-se em relação ao contexto material e político no qual ela está inserida, nesse papel historicamente atribuído elegem-se características naturalizadas como femininas, ou seja, relativas às mulheres. Nesse sentido, afirma a professora Guacira Lopes Louro, “os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2007, p.11).

No capitalismo, por exemplo, na medida em que seu modo de produção “é construído sobre a separação dos lugares e tempos da produção e da reprodução” (KERGOAT apud HIRATA, 2009, p.67) apesar da defesa da liberdade e da autonomia da vontade, a reprodução da espécie encontra-se sob responsabilidade, quase que exclusiva, da mulher, o que favorece sua subordinação ao homem. Essa subordinação apresenta-se também através do cuidado das responsabilidades domésticas, seja no seu direto exercício, seja na sua administração, quando há a delegação para outras mulheres em geral. Considerando também que o capitalismo defende a manutenção da propriedade privada, tendo como ferramenta o direito de herança, forma de perpetuar a propriedade, temos que o papel atribuído à mulher nesse contexto coloca-a em posição duplamente subordinada, pois além de criar e educar a prole é ainda responsável por conservar a propriedade familiar (BEAUVOIR, 1997, v.2, p.102). Assim, proíbe-se a formação de famílias multifacetadas, por exemplo com mais de um companheiro, bem como o adultério, como forma de evitar a dilapidação patrimonial. A família patriarcal torna-se ícone da manutenção do *status quo* para o capitalismo.

Na formação de uma comunidade anarquista, se faz imprescindível o rompimento com posturas hierárquicas, a começar pelo núcleo mais embrionário da sociedade, a família. Dessa forma, torna-se primeiramente necessário a independência da mulher do jugo de se marido. Uma das formas propostas para esse rompimento é através do amor livre, ou seja, o exercício da afetividade de forma livre, não monogâmica, e, no caso de haver reprodução os filhos serão de

toda a comunidade e não deste ou daquele casal.

O romance histórico de Miguel Sanches Neto resgata os valores anárquicos e, sobretudo, destaca a mulher como elemento fundante da comunidade anarquista. Pois sua conduta autônoma e insubordinada é indispensável à formação de uma coletividade despida de relações proprietárias e excludentes.

O estudo das relações de gênero, em especial, a importância do protagonismo e insubordinação da mulher são necessárias à formação de uma sociedade justa, plural e igualitária. Nesse sentido, o romance histórico literário a ser analisado permite, através das teorias feministas, refletir acerca da realidade da mulher, seja inserida no anarquismo, seja em contraposição ao capitalismo.

A produção de uma vasta bibliografia que visibilize a mulher, como sujeito, e não somente como objeto, no mundo acadêmico de forma objetiva e metodológica é uma decisão política necessária à concretização de ideais de igualdade, pluralidade e justiça. Atualmente é perceptível o aumento dessa produção, tal ação é resultado de maior participação das mulheres no ambiente acadêmico e político. O rompimento com valores de sujeição da mulher encontram cada vez mais suporte teórico nas ciências.

A obra “Um amor anarquista: Uma mulher para três homens. Uma terra para todos. Um amor para sempre” de Miguel Sanches Neto já foi muito trabalhada, em especial, nas universidades do Paraná, eis que se trata de um autor paranaense ainda vivo, e seu romance histórico encontra-se inserido na região de Palmeira – PR. A proposta do presente trabalho não será aprofundar o leitor no vasto material acerca do Anarquismo, e sim, pautar a mulher como protagonista da experiência desse referencial filosófico que se apropriou Miguel Sanches Neto para a construção de seu romance.

O trabalho, que partiu das leituras citadas ao final do trabalho, não se pretende, de forma alguma, diminuir a importância das doutrinas anarquistas, contudo, em razão da limitação do tema, optou-se por focar no protagonismo da mulher anarquista no romance histórico. O romance de Miguel Sanches Neto, conferiu ênfase na temática do amor livre e “sobrevooou o resto do processo” (MASSANI, 2011, p.29), não menosprezando os demais temas relativos ao anarquismo, entretanto, optou por uma de suas nuances.

Objetiva-se concluir que, de fato, o papel da mulher assume destaque ímpar

na formação de uma comunidade anarquista. Para além, espera-se como resultado que a reflexão acerca do gênero, da opressão da mulher extrapole a análise dos contextos capitalista e anárquico e sirva de orientação para a reflexão da realidade em que a pessoa leitora esteja inserida.

2. A EXPERIÊNCIA DA COLÔNIA CECÍLIA NO ROMANCE UM AMOR ANARQUISTA

O romance histórico contemporâneo *Um Amor Anarquista* versará sobre a Colônia Cecília, experiência anárquica, que de fato existiu, no interior do Paraná, na região de Palmeira. Essa experiência durou desde meados de 1890 até 1894 (MASSANI, 2011, p. 66). O livro foi publicado pela Editora Record em 2005, por Miguel Sanches Neto, autor paranaense, professor universitário, crítico literário do jornal *Gazeta do Povo* e da revista *Carta Capital*, doutor em Teoria Literária pela Unicamp. Atualmente o autor tem tido destaque no cenário literário. Acerca dos escritores contemporâneos, assinala Antonio Candido, “eles são frequentemente de boa qualidade, e talvez nunca a literatura brasileira tenha conhecido uma *média* tão satisfatória, o que é sem dúvida sinal do amadurecimento de uma cultura”, e, a respeito dos críticos literários contemporâneos “diga-se, afinal, que a crítica literária está passando por um momento excepcionalmente brilhante, pela qualidade e o número dos que a praticam em bom nível, geralmente ligados ao ensino universitário” (CANDIDO, 2010, p. 125 e 126). Nota-se assim, que o autor fazendo parte dos escritores e críticos que Antonio Candido cita, eis que foi premiado diversas vezes¹.

O romance descreve a vinda de um grupo de imigrantes italianos para o Brasil, especificamente na região de Palmeira, Estado do Paraná, com a finalidade de fundar uma colônia anarquista baseada na ideia de amor livre.

A Colônia Cecília foi fundada em 1890 no município de Palmeira, Estado do Paraná, sob a liderança do italiano Giovanni Rossi, resistiu até 1894, pois diante da dificuldade em realizar de forma efetiva a agricultura, bem como da grande oferta de vagas de trabalho nas cidades próximas, que foi pouco a pouco absorvendo mão-de-obra dos colonos anarquistas, não teve mais meios para se manter.

A narrativa do livro aponta que a Colônia Cecília atravessou dificuldades, como a falta de alimentos, a grande rotatividade dos moradores, e, a mínima aderência de mulheres ao projeto político proposto. Seu idealizador, Giovanni Rossi,

¹ Ver Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0212593991244575>

(1856-1943) objetivava construir uma comunidade nos moldes do socialismo utópico, pois era um crítico da sociedade capitalista burguesa contemporânea. Foi um personagem histórico, Giovanni Rossi (1856-1943), agrônomo e veterinário, e em 1873, inscreveu-se para a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), cuja intenção já apresentava o interesse de fundação de uma colônia. (MASSINO, 2011, p. 71; MELLO NETO, 1996, p.67; LOLLA, 1999, p.149). Como Giovanni de fato existiu e também é o narrador da obra, para evitar confusão, quando citarmos personagem narrador estaremos a falando de Giovanni Rossi idealizado por Miguel Sanches Neto, quando citarmos personagem histórico será o que de fato existiu.

Miguel Sanches Neto aborda na obra também a ideia do amor livre, destacando o aspecto multifacetado das relações afetivas. Nessas relações as mulheres poderiam ter mais de um parceiro sexual e afetivo, sendo que os filhos gerados seriam de toda a comunidade e não apenas de um homem, rompendo com a lógica da manutenção da propriedade privada capitalista.

A propriedade privada foi o passo inicial da estrutura capitalista. Com o advento desta as comunidades passaram a ter a preocupação com a transmissão de seus bens para os herdeiros, migrando aos poucos de uma sociedade poligâmica para monogâmica. Portanto, voltar ao amor livre poligâmico seria um ataque direto às estruturas fundamentais capitalistas. Os filhos eram da comunidade, produziam para a comunidade e o amor era de todos, autêntico e não mantido pelos laços do casamento ou de sentimentos de posse, todos ligados às ideias da burguesia moderna.

Para a construção do enredo, Miguel Sanches Neto se vale de dois personagens principais: Giovanni Rossi e Adele. Essa é uma italiana, casada, que a despeito de sua formação cristã, patriarcal, e burguesa, vai durante a narrativa aderindo aos princípios socialistas ao mesmo tempo que se apaixona por Rossi. Aquele por sua vez é um militante dos princípios socialistas, almeja capitanear mais partidários de seus ideais, ainda tendo consciência de que a mulher é elemento singular na construção da sociedade proposta na Colônia Cecília. Para ilustrar destacamos a seguinte fala realizada pelo personagem narrador:

“Pois, meu caro Aníbal – falei isso virando-me para ele –, agora chegou a minha vez de ceder um pouco do carinho que tenho recebido, sem que

tenha faltado a você, a mais uma pessoa – Geleàc ficou ainda mais vermelho –, uma pessoa que é tão respeitosa como nós somos com Adele – ela estava quieta, encostada na parede –, porque ter mais de um homem não é depravação, é apenas exercitar a liberdade sem nenhum remorso.” (SANCHES NETO, 2008, p. 29)

Nesse sentido, o romancista Miguel Sanches Neto desenvolve a realização do amor livre através da relação amorosa e afetiva entre Adele e Aníbal, seu esposo, Giovanni Rossi, e o jovem Jean Geleàc. Esse ideal, como coloca o personagem narrador, será indispensável para o fortalecimento da comunidade anarquista na Colônia Cecília.

Destacados os aspectos da narrativa do livro *Um Amor Anarquista*, o próximo passo será analisar brevemente a questão do anarquismo na construção da Colônia Cecília no romance histórico.

3 O ANARQUISMO NO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MIGUEL SANCHES NETO

O romance histórico contemporâneo destaca-se através de contraposições retratadas pela história hegemônica, ainda como “afirmação de uma nova forma narrativa que expressa o desejo de pensar criticamente a realidade, suas versões e interpretações e suas múltiplas possibilidades de representação no âmbito literário” (ESTEVES, 2010, p.41). Ainda como coloca Walter Benjamin:

“Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive.” (BENJAMIN, 1994, p. 201)

Nesse sentido, resgatar, como fez Miguel Sanches Neto, a construção da experiência anarquista na Colônia Cecília, é contestar as verdades historiográficas, de que no Brasil houve uma construção linear da história, passando da colônia portuguesa à proclamação da independência, da monarquia à república. O romance “rompe com as grandes narrativas totalizadoras, consciente da individualidade e de sua forma fragmentada de ver e representar o mundo e, conseqüentemente, o fato histórico” (ESTEVES, 2010, p.68). Ainda possibilita o romance “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p.224). Dessa forma, realizar a ficção da história permite destacar fatos que poderiam ter sido esquecidos e apagados, bem como apontar possibilidades otimistas ao futuro.

Por sua vez, o autor realiza o objetivo destacado por Sartre, pois ao falar da literatura ele coloca que: “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente dele.” (SARTRE, 1999, p. 21). Contudo, não podemos confundir a História e a Literatura, ao passo que aquela em geral caracteriza-se de forma a, epistemologicamente, manter determinado método e rigor

científico², essa possui a liberdade de fantasiar e construir uma situação ficcional.

O romance histórico, como colocamos, descreve a experiência anarquista na Colônia Cecília. Para tanto devemos resgatar o sentido da palavra 'anarquia', na sua etimologia quer dizer: *an* = sem; *archon* = governante, ou seja, ausência de governo. Vale destacar que não há uma teoria e conceito uníssono acerca do Anarquismo, como assinalou Noam Chomsky: “fica difícil expor suas doutrinas com precisão, com uma teoria específica e determinada da sociedade e da mudança social” (CHOMSKY, 2004, p. 23). Ainda sobre a Anarquia Proudhon a descreve como “a ausência de um mestre, de um governante, é a forma de governo a que estamos nos aproximando dia a dia” (PROUDHON, 1981, p. 62).

Como pretendemos discutir também teóricas feministas, apresentamos a compreensão acerca do anarquismo da escritora e ativista Emma Goldman:

O Anarquismo significa uma ordem social baseado no agrupamento livre dos indivíduos, com o propósito de produzir a verdadeira riqueza social, uma ordem que garantirá a todo ser humano acesso livre a terra e ao gozo completo das necessidades da vida, de acordo com aos desejos individuais, gostos e inclinações. (GOLDMAN, 2012)

Discorrido, sucintamente, acerca do anarquismo, vamos retomar o personagem histórico: é possível sustentar que Giovanni Rossi foi um grande defensor da realização de colônias socialistas experimentais (CARVALHO, 2010, p. 34). Desse modo, considerando que Chomsky afirmou não haver uma doutrina única acerca do Anarquismo, admitindo multiplicidades teóricas (CHOMSKY, 2004, p.23), pode-se admitir que seus escritos e documentos deixados são dotados de originalidade, bem como de que não podem ser classificáveis em “esquemas doutrinários” (LOLLA, 1999, p.17).

Assim, Giovanni Rossi ao defender a realização de colônias socialistas, defendia na prática suas convicções filosóficas, pois “através da formação de núcleos experimentais da vida anarquista, quis provar ao mundo a excelência das ideias anarquistas” (CARVALHO, 2010, p.36). Sobre o tema defendido pelo personagem histórico exprime Massani:

² Nesse sentido apontam os estudos de Lucien Febvre no livro *Combates pela História*: FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**.3.^a edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989.

“Se levarmos em conta os principais eixos que atravessavam a teoria anarquista - e a socialista em geral -, como por exemplo: propriedade, religião, família, ensino, relações políticas, relações laborais, organização da produção e do consumo; distinguimos que cada um desses temas foram abordados em discussões e decisões da Colônia.” (MASSANI, 2011, p.250)

Também o personagem histórico Giovanni Rossi descreve seu entendimento acerca da Anarquia:

“Anarquia é desordem, hierarquia e ordem são escritos de vossos dicionários de sinônimos. Nós, porém, distinguimos a ordem natural da ordem superficial. As vossas ordens de cadeias, nas quais uma infinidade de hierarquias pressiona com terrível peso a coletividade, modelando seu espaço, com os meios gigantescos que possui, o pensamento, o sentimento, os costumes, o caráter, opondo-se com a força da autoridade religiosa, política, econômica, judiciária, militar, científica, artística ao desenvolvimento livre e integral da individualidade”. E concluiria afirmando: “O que é a anarquia senão a verdadeira liberdade plena, completa, a quinta-essência da liberdade?”. (ROSSI, G. 1891, p.86 apud MELLO NETO, p.25)

No mesmo sentido, Miguel Sanches Neto construiu o personagem narrador que durante toda a narrativa escreve sobre a experiência cotidiana da comunidade anárquica, ainda envia cartas com a finalidade de propagar sua ideologia filosófica. É possível perceber o caráter propagandista de sua cartas, para elucidar:

“As plantações estão todas muito bonitas e sente-se o orgulho dos anarquistas, que ainda ontem era empregados urbanos, vivendo a humilhação da miséria e da subordinação, e, passado um ano, são pessoas novas, agricultores de fato. Para se ter certeza disso, basta olhar as verde roças da Cecília.” (SANCHES NETO, 2008, p. 85)

Desse modo, percebemos o propósito tanto do personagem histórico quanto do narrador para consolidar a experiência anárquica na Colônia Cecília. Portanto, situado o interesse ideológico do anarquismo para a construção da comunidade, passaremos a introduzir a perspectiva feminista da presente pesquisa.

4 UMA LEITURA FEMINISTA

O romance histórico contemporâneo “Um Amor Anarquista”, como destaca Antonio R. Esteves, faz as mulheres, historicamente silenciadas, passem a ter voz e protagonismo, na medida em que devolve “a palavra a setores que tradicionalmente têm sido silenciados pelo discurso oficial, com o objetivo de construir uma versão mais justa” (ESTEVES, 2010, p.188) . Assim, a obra em questão contribui para visibilizar as mulheres no processo histórico e ainda para que estas tomem consciência política e identitária, eis que “nos saberes, nos poderes, na cidade, a diferença dos sexos se anuncia como uma das maiores questões do século XXI. A História das Mulheres sem dúvida se insere nessa perspectiva.” (PERROT, apud HIRATA, 2009, p.115).

A respeito da visibilização das mulheres no processo histórico podemos resumir no argumento de Joan Scott:

“As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critério do trabalho científico existente. “Aprendemos”, escreviam três historiadoras feministas, “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente na redefinição e no alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto as atividades públicas e políticas. (SCOTT, 1995, p.72)

Essa visibilização da mulher na narrativa de Um Amor Anarquista pode ser também percebida na linguagem assumida pelo autor, pois ele rompe com o discurso racional, na medida em que a todo momento o narrador destaca que as relações entre os personagens ou são carentes ou reivindicam o afeto (ESTEVES, 2010, p. 195). Destacamos o excerto:

“Volto a me entusiasmar com as possibilidades da Cecília, mas ainda nos fazem falta as mulheres emancipadas dos preconceitos burgueses, que queiram diminuir o sofrimento dos solteiros, cada vez mais alheios da vida coletiva, carente de afeto e de diversão. Essas mulheres livres tirarão o poder das casadas, criando uma nova irmandade, em que o ciúme e a

posse sejam definitivamente banidos, permitindo assim a vitória do clã socialista contra o egoísmo familiar.” (SANCHES NETO, 2008, p. 173)

O discurso racional é marca fundante do patriarcado, “formação social em que os homens detêm o poder” (DELPHY, apud HIRATA, 2009, p. 173), pois “em nossa sociedade, a norma que estabelece historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada” (LOURO, 2007, p.15) Vejamos um trecho de uma das cartas escritas pelo personagem narrador Giovanni Rossi:

“Para mim, este amor sem rivalidade, sem ciúme e sem mentira é a prova final da viabilidade do socialismo, demonstrando que a Colônia pôde enfim vencer o temor das famílias e a ignorância herdada de séculos de obscurantismo. Os problemas sociais serão vencidos porque é possível amar coletivamente, sem senso de propriedade, uma mulher cujo filho será da Colônia e não de um pai” (SANCHES NETO, 2008, p. 205)

Assim, é possível afirmar que a literatura “contribui bastante nessa conquista de espaço e de aquisição de uma consciência política e de uma nova identidade realizada pelas mulheres ao longo do século XX” (ESTEVES, 2010, p. 188). Acerca dessa consciência política podemos relacionar o surgimento do feminismo (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL apud HIRATA, 2009, p. 145). Sobre isso assinala a historiadora Michele Perrot:

“O feminismo em razão de sua falta de estruturas fixas – não é nem um sindicato, nem um partido e se aproxima mais dos novos “movimentos sociais”, dos quais poderia ser um dos protótipos –, mas também em razão de sua carga crítica, é o alvo de uma depreciação que tenta demonizá-lo ou ridicularizá-lo, mas é, sobretudo, o objeto de um esquecimento que é a forma mais sutil da renegação.” (PERROT apud HIRATA, 2009, p. 115)

Um dos temas amplamente debatido pelas teóricas feministas é o modelo de família³. Esse também é um dos questionamentos centrais do romance. Entretanto quando analisamos o fenômeno da família é importante distanciar-se de um modelo estático, ou uma definição única e totalitária do que vem a ser a família (DEVREUX apud HIRATA, 2009, p.96). No mesmo sentido, considerando o anarquismo, Joan Scott afirmou que “os anarquistas europeus eram conhecidos desde muito tempo pela sua recusa das convenções do casamento burguês, mas

³ Ver mais em HIRATA, 2009, p. 320.

também pelas suas visões de um mundo no qual as diferenças sexuais não implicariam em hierarquia.” (SCOTT, 1995, p.90).

A família pode se apresentar de forma multifacetada, ou seja, composta não somente pelo núcleo binário tradicional: marido e mulher, mas permite outras configurações não tradicionais, cuja designação pode ser o “amor livre”. Essa defesa, no que tange a experiência da Colônia Cecília é também realizada pelo personagem histórico como coloca o pesquisador Massani:

“Partidário do amor livre, Rossi enuncia sua defesa das relações abertas entre os membros de uma comunidade, ao passo em que não hesita em indicar o amor burguês como o produtor de toda desigualdade social. De acordo com o mencionado, Rossi coloca a eliminação deste tipo de amor (e de suas correspondentes instituições) como tema primordial para se pensar qualquer tipo de mudança profunda nas sociedades contemporâneas.” (MASSANI, 2011, p.82)

Logo, examinada a proposta teórica feminista, bem como relacionada com a narrativa do romance, iremos analisar a personagem principal Adele, para, então, examinarmos o protagonismo da mulher como necessário a formação da comunidade anarquista no romance histórico.

4.1 A ADELE

Algumas das personagens mulheres são desenvolvidas com especial atenção. Temos as prostitutas Maria Malacarne e Narcisa, que diante da existência de poucas mulheres Giovanni Rossi as coloca na comunidade em diferentes momentos, com a intenção de colocar em prática o amor livre, contudo, a experiência é fracassada.

Uma das personagens principais é Adele, protagonista da formação da comunidade anarquista. Para tornar-se importante no enredo, a personagem assume um papel libertário, apesar de ter saído da Itália com o marido para a Colônia Cecília, ela passa a relacionar-se concomitantemente com Giovanni Rossi, e, mais tarde, com o jovem Jean Geleàc. Assim o personagem narrador descreveu Adele:

“Adele era corajosa, desferia as últimas marretadas nas ruínas deste edifício sórdido que é o casamento, e eu a admirava sobre as demais pessoas da Colônia. Desde sua mocidade, quando mantivera relações com o cunhado, vinha destruindo a família.” (SANCHES NETO, 2008, p. 31)

Diante dessa relação, que dá subtítulo ao livro: Uma Mulher para Três Homens, Uma Terra para Todos, Um Amor para Sempre, Adele passa a colocar em prática uma das idealizações do anarquismo, qual seja, a vivência do amor livre. Tal propagação do amor livre como objetivou o personagem histórico Giovanni Rossi, não possui relações com visões deturpadas e levianas das relações, nesse sentido, assevera Massani:

“[...] o amor livre que incentivavam os anarquistas, e neste caso particular o italiano Rossi, nada tem a ver com as representações que, a partir do senso comum, comumente se atribui a esse tipo de relações, emparentadas diretamente com a lascívia, as perversões, e que são associadas com a queda em um estado de animalidade primitiva. Longe disso, e, por exemplo no caso da concepção de Rossi, a abertura para diversas relações simultâneas estava sustentada pelo grande benefício espiritual e pelo crescimento moral – individual e coletivo- que essa prática acarretava.” (MASSANI, 2011, p.195)

O personagem histórico Giovanni Rossi ainda é mais radical ao defender o amor livre, como documentou em seus escritos:

“Sei ainda que, quando a aristocracia intelectual e moral da humanidade e a multidão interessada das mulheres, com a prática visível do amor livre, limpem da face da Terra a mentira da paternidade, a família será feita pedaços e deverão surgir, espontaneamente, as relações sociais capazes de substituí-la”.(ROSSI, 2000, p.121)

No enredo Adele, é perquirida por Giovanni Rossi, com a finalidade de servir como exemplo de êxito da experiência do amor livre, após ter superado os preceitos burgueses da família. Vejamos:

- “ - A afeição por Aníbal foi exclusiva?
- Sim, até o momento em que conheci você.
- Faz bastante tempo que você aceita a possibilidade de amar mais pessoas ao mesmo tempo?
- Sim.
- Você nunca foi ciumenta?
- Algumas vezes, mas os meus ciúmes foram brevíssimos.
- Você se entregou a alguém sem amá-lo?

- Nunca sem simpatia.
- E apenas por sensualidade?
- Jamais.
- Você tolerou violências morais?
- Não.
- Minha solicitação amorosa causou surpresa?
- Nem um pouco.
- Desagradou a forma breve e direta que usei?
- Ao contrário, me agradou.
- Você aceitou o meu pedido por piedade?
- Um pouco.
- Por simpatia?
- Sim.
- O receio de desagradar seu companheiro era realmente o único obstáculo?
- O único.
- E você pensou em entregar-se às escondidas de seu companheiro?
- Não.
- Ao contar a Aníbal minha solicitação, você revelou o desejo de satisfazê-la?
- Sim.
- Você fez isso de forma serena?
- Sim.
- Envergonhada?
- Não.
- Você sofreu ao imaginar o desgosto de seu companheiro?
- Sim.
- O sofrimento foi por ele?
- Sim.
- E por você?
- Também por mim.
- E por mim?
- Especialmente por você.
- Considerou a dor dele como uma prova de amor?
- Sobre isso não sei o que dizer.
- Quando você se entregou a mim, o seu companheiro estava plenamente de acordo?
- Sim.
- Você precipitou um pouco os acontecimentos?
- Não.
- A dor de seu companheiro era justificável?
- Eu a considerei fruto dos preconceitos que ainda agem sobre nós.
- Essa dor estava destinada a desaparecer?
- Sim.
- Nossa conduta às claras pareceu sincera a você?
- Sim.
- Você veio a mim de forma consciente?
- Sim.
- Acrescentei um pouquinho de felicidade à sua vida?
- Sim.
- Você me ama sensualmente, intelectualmente, fraternalmente?
- Um pouco das três maneiras.
- O afeto que você sentia por mim cresceu um pouco mais?
- Muito.
- Você gosta ainda mais de Aníbal?
- Sim.
- Os amores paralelos fizeram com que você se tornasse melhor?
- Sim.
- Mais sensual?

- Não.
- Prejudicaram a sua saúde?
- Não.
- A multiplicidade de afetos contemporâneos parece natural a você?
- Sim.
- Socialmente útil?
- Antes de mais nada, socialmente útil.
- Seria constrangedor não conhecer a paternidade de um filho que você viesse a ter?
- Não.” (SANCHES NETO, 2008, p.200-203)

Dessa forma, no romance Adele assume o protagonismo do amor livre de forma autônoma. Pois será sobre o protagonismo da mulher e a igualdade que teremos como recursos para a construção da comunidade anarquista no romance de Miguel Sanches Neto.

5 O PROTAGONISMO DA MULHER PARA A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE ANARQUISTA NO ROMANCE HISTÓRICO

Na obra estudada o autor constrói um romance histórico que se vale de um pano de fundo histórico relevante. Segundo este o romance histórico tem por característica uma ambientação no tempo, vislumbrando em sua estrutura possibilidades de transformação histórica. Uma das mudanças que podem ser apontadas é a respeito do protagonismo da mulher, a liberdade e sua igualdade. Sobre a igualdade Simone de Beauvoir coloca:

“A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. “A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não fôr mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. [...]” (BEAUVOIR, 1997, v.2, p.75)

No mesmo sentido argumentou o personagem histórico Giovanni Rossi:

“A liberdade de amar pertence à categoria das liberdades corporais, que são as mais essenciais, as mais urgentes e as mais dificilmente suprimíveis. Enquanto não se reintroduz o princípio jurídica da escravidão – o que é o mesmo que dizer: nunca, será impossível negar o direito e a faculdade de dispor livremente de si próprio, tanto no que se refere ao corpo quanto ao sentimento” (ROSSI, 2000, p.116).

E também

“Mas penso que quando as mulheres encontrarem na vida socialista a sua emancipação econômica, liberadas da obrigação de uma fidelidade real ou aparente que hoje é o preço de seu pão quotidiano, seguirão livremente e publicamente a sua inclinação e então...adeus paternidade verdadeira ou suposta, adeus ninho de egoísmo doméstico, adeus instinto de propriedade renascente”. (ROSSI, G., 1891, p.34 citado por MELLO NETO, 1996, p.38)

Diante disso, é possível afirmar que a liberdade da mulher será alcançada na medida em que ela romper com a dupla subordinação, qual seja a responsabilidade sobre a reprodução e a manutenção da propriedade através da herança gerada pela reprodução, como citamos Beauvoir no início da pesquisa. Esse rompimento, como coloca o enredo do livro se dará através da subversão do

casamento burguês através do amor livre. Nesse sentido Emma Goldman, já citada anteriormente discorre acerca do amor e do matrimônio:

“O amor, o elemento mais forte e profundo de toda vida, presságio de esperanças, de êxtase; o amor que desafia a todas as leis, a todas as convenções; o amor, o mais livre, o mais poderoso modelador do destino humano, como pode essa força toda poderosa ser sinônimo da pobre feiura do Estado e da Igreja que é o matrimônio?” (GOLDMAN, 2012)

Ainda o personagem histórico Giovanni Rossi:

“Assim, há maternidade e paternidade conscientes. Uma mulher quer amamentar e educar seus filhos? Muito bem, nem por isso ela deixa e ser operária. Em vez de produzir gravatas ou meias, produz gente, um trabalho não menos importante (...) Os grupos de produção lhe enviam todo o necessário para cumprir sua tarefa de mãe” (ROSSI, 2000, p.172).

Logo, considerando que a personagem Adele representa a liberdade na medida em que se permite dispor do próprio corpo a quem desejar. Ainda que por realizar essa liberdade de disposição, através do exercício do amor livre, rompe com a subordinação do homem e colabora com a ruína do casamento burguês, temos que a mulher assume papel singular na construção da comunidade anarquista, pois destrói o núcleo mais embrionário da sociedade que é a família.

6 CONCLUSÕES FINAIS

Vimos que determinados fatos históricos podem ser substrato para a realização de uma obra ficcional, para tanto, espaços e personagem na realidade ocorrida se confundem com a capacidade do autor de criar sobre ela. A escolha pelo autor pode trazer à tona acontecimentos cuja memória poderia ter sido perdida, na medida em que rompe com discursos totalizadores. Ao abordar uma sociedade anarquista que de fato existiu, explicitando suas contradições, acertos e erros de forma romanceada, está desconstruindo a história tradicional.

A eleição por Miguel Sanches Neto de romancear a experiência ocorrida na Colônia Cecília permite manter vivos os ideais anarquistas, bem como as rupturas com comportamentos convencionais, como a monogamia. Sobretudo, ao evidenciar a mulher no enredo, subverte o discurso como coloca a historiadora Michele Perrot:

“O relato histórico é olhar, escritura, artefato, não artifício, certamente, mas escolha intimamente ligada ao presente do escritor. O esquecimento de que as mulheres tem sido objeto não é uma simples perda de memória acidental e contingente, mas o resultado de uma exclusão consecutiva à própria definição de História, gesto público dos poderes, dos eventos e das guerras.” (PERROT, apud HIRATA, 2009, p. 112)

Portanto, fica evidenciado na experiência tomada como partida para a ficção de Miguel Sanches Neto, em *Um Amor Anarquista*, que Adele personaliza a mulher protagonista da construção do ideário anarquista.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKUNIN, Mikhail. **Textos Escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. vol. 1 e 2, Lisboa: Editora Gallimard, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet, 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª edição, São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. **POÉTICA DE UMA UTOPIA: A COLÔNIA ANARQUISTA CECÍLIA ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA**. 2010. 71 f. Monografia. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Notas sobre o anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2004.

ESTEVES, Antonio R., **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3ª edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GOLDMAN, Emma. **Anarquismo: o que realmente significa**. Disponível em: <http://destemidxs.wordpress.com/2009/12/21/anarquismo-o-que-realmente-significa/>
Acesso em: 10/02/2012.

_____. **A armadilha da proteção**. Disponível em: <http://destemidxs.wordpress.com/2009/11/30/a-armadilha-da-protecao-emma-goldman/>
Acesso em: 10/02/2012.

MASSINI, Mario Guilherme. **Subjetividades Anarquistas: O caso da Colônia Cecília**. 2011. 304 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

MELLO NETO, Cândido de. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi – de Poggio al Mare à Colônia Cecília**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1996.

HIRATA, Helena, ...[et al.] (orgs). **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LOLLA, Beatriz Pellizzetti, **Reflexões sobre uma utopia do século XIX como testamento ideológico para a “terra de todas as gentes” no século XX**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1999.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

PROUDHON, P-J. **A propriedade é um roubo**. In: WOODCOCK, G. **Grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981, p.62

ROSALDO, Michelle Zimbalist, LAMPHERE, Louise, **A mulher, a cultura e a sociedade**. Trad. Cila Anquier e Rachel Gorenstein, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e outras utopias**. Paraná: Imprensa Oficial de Paraná, 2000.

SANCHES NETO, Miguel. **Um amor anarquista**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Ática, 1999.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In. BURKE, Peter.(Org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp. 1992.

_____. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.